

# Encontro com Benedito Nunes\*

Por Edson Coelho<sup>1</sup>

*Em 1929, a avenida Gentil Bittencourt nem era calçada. No trecho entre o Cemitério da Soledade e a Presidente Pernambuco, três cortiços ocupavam grandes terrenos. Em outubro daquele ano de crack na Bolsa de Nova Iorque, morria o bancário Benedito Nunes. Em novembro, nascia o futuro professor Benedito Nunes Filho. Não conheceu o pai. Mas daria ao mundo reflexões profundas em várias áreas do conhecimento.*

Ao lado: Em Rennes, outono de 1996

“Nasci em Batista Campos. Morava na Gentil, entre Serzedelo e Presidente Pernambuco. Sabe qual é o trecho? É só se localizar pelo Cemitério da Soledade e pela caixa d’água. Os cortiços - que chamávamos estâncias - eram habitados mais por lavadeiras e empregadas domésticas. Minha infância foi realmente tranquila. Eu era protegido!...”

*Neste espaço que faz questão de tão bem localizar, Benedito Nunes se dividia entre os livros - aprendeu a ler aos quatro anos, em casa mesmo, onde funcionava a Escola Sagrado Coração de Jesus, de uma tia - e as brincadeiras na rua, com os colegas pobres que moravam nos cortiços.*

“Brincávamos de papagaio, peteca, danças de roda, pião, polícia e ladrão...”  
O senhor era bom? “Em peteca talvez fosse um pouco melhor. Em papagaio eu era um pouco... um pouco... amarrado”, lembra entre risos um dos ganhadores, na semana passada, do “Prêmio Multicultural Estadão”, que lhe rendeu dupla satisfação: ter a obra escolhida por três mil pessoas ligadas à cultura, em todo o país, e usufruir do prêmio de trinta mil reais. “Eu tinha um primo que me trazia os papagaios já com cerol na linha. Aí eu dava os laços. Muitos adultos gostavam de papagaio. Era muito divertido...”

*Ele estudou com a tia até o quinto ano, quando se submeteu a exame de admissão no Colégio Moderno. Já então navegava de Monteiro Lobato - “o primeiro livro que li dele foi “As caçadas de Pedrinho” - a clássicos da literatura universal. “Meu pai tinha montado uma grande biblioteca. Eu lia Shakespeare, Machado de Assis,*

\* Entrevista concedida ao jornalista Edson Coelho. Transcrição do jornal O Liberal, 19/04/98. Cad. Cartaz, p. 4-5.

<sup>1</sup> Filósofo e jornalista.



Foto: acervo Maria Sylvia Nunes

Eça de Queiroz... Pode-se dizer que eu era uma criança metida a besta... Pena que muitos daqueles livros, entre os quais exemplares raros, foram extraviados: emprestavamos e não devolviam...”.

*É com sabor de conversa que, nesta entrevista, Benedito Nunes relembra as primeiras aventuras literárias e os companheiros de geração; “a França inteira de braços cruzados”, pouco antes de eclodir a Revolução de Maio de 68; a experiência de dar aula nos EUA e na França; os desafios do homem para o próximo milênio; como levou para a clínica uma cadela recém-atropelada, em frente ao Bosque (“depois ela teve seis filhotes e hoje é fazendeira”) e de como não gosta de futebol nem acredita em ET’s...*

*P: Como surgiu o hábito pela leitura?*

O primeiro grande estímulo, o determinante, foram os livros herdados de meu pai. E eu tinha também um tio, Carlos Alberto Nunes, que me mandava muita coisa de São Paulo... Meus pais passaram a lua de mel lá. Minha mãe, Maria de Belém Viana, ficou deslumbrada com São Paulo.

*P: O senhor estudou até o quinto ano no colégio da tia. E depois?*

Em 1940, entrei no Colégio Moderno. Ao concluir os estudos no Moderno, estava tudo combinado com meus tios que eu iria a São Paulo, estudar filosofia. Mas um deles, que era banqueiro - ou tinha uma casa bancária - faliu e acabei estudando Direito na Faculdade de Direito do Pará. Quando entrei para a Faculdade, comecei a lecionar filosofia no Moderno. Formei-me em 1952, ano do meu casamento com a Maria Sylvia.

Nossa dedicação ao teatro - a Maria Sylvia, sobretudo, dirigia - rendeu uma viagem à França. Ela montou a tragédia “Édipo Rei”, de Sófocles. Fomos com a peça participar de um festival universitário em Santos. Ela ganhou o festival e o prêmio da viagem: em navio, de primeira classe. Eu - que era apenas “o marido da professora” - tive que conseguir dinheiro junto ao Capes para poder viajar. Passamos seis meses na França. Fizemos vários cursos. Ela tinha direito a estágios e a frequentar vários teatros, inclusive nos ensaios. Íamos a museus... Estudei com o professor Paul Ricouer, na Sorbonne.

*P: E os escritos?*

Eu já assinava artigos no Suplemento Literário do Estado de São Paulo. E também fazia uma crônica do Pará: resenhas sobre autores paraenses como Eidorfe Moreira, Dalcídio Jurandir... Quando estava na França eu também escrevia. Enviei vários artigos sobre um grande livro do Sartre, “Crítica da Razão Dialética”.

*P: Quando o senhor conheceu o Mário Faustino?*

Em 48. Durante a primeira e única reunião da Associação Brasileira de Escritores, convocada por Haroldo Maranhão. Mário estava interessadíssimo no Jorge de Lima (depois fez uma revisão enorme da obra de Lima). Tenho alguns livros que foram de Mário em que ele anotara exaustivamente, página por página, todos, todos os sonetos de Jorge de Lima. Pouco antes, a Folha do Norte instituíra o concurso Embaixador da Juventude, cujo prêmio era uma

viagem ao Rio de Janeiro. A votação era com cupons, publicados diariamente nos jornais. Eu representava o Moderno, Mário o Paes de Carvalho. Votaram mais em mim e ganhei o concurso. Eu e Mário desenvolvemos uma amizade tão profunda que costumávamos visitar a casa um do outro sem aviso prévio...

*P: Por essa época o senhor chegou a escrever poesia...*

(Risos) É, publiquei muita besteira naquela época... Coisas sem valor nenhum. O Haroldo dirigiu um suplemento excelente na Folha do Norte. Todos publicávamos - Max Martins, Alonso Rocha, Paulo Mendes, Paulo Plínio Abreu, Ruy Barata. Era um suplemento local, mas de amplitude nacional: Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, por exemplo, escreviam especialmente para ele. Eram ideias modernas. (O modernismo aqui repercutiu duas vezes: a geração de Bruno de Menezes, num primeiro momento, e a nossa. Entre nós, a reação era principalmente ao parnasianismo.)

Aliás, antes, o Haroldo também fundara um jornal de colégio - O Colegial - que circulava em todos as escolas e em que cheguei a publicar muita besteira.

*P: Nas reuniões literárias dessa época havia aquele espírito irreverente, farrista? Tinha bebida alcoólica?*

Não. Nessa época - tínhamos 17, 18 anos - bebíamos mais era café com leite. Depois - em 51, 52 - houve mais frequência ao copo, mas sempre muito moderada.

*P: Cerveja, vinho...?*

Uísque.

*P: Quando o senhor começou a viajar? Morou fora de Belém?*

Morei fora algumas vezes, mas sempre por temporadas. Por dois semestres dei aulas nos Estados Unidos: um na universidade de Vanderbilt, que fica em Nashville, Estado do Tennessee, e outra em Austin, no Texas. Em ambos fui professor convidado de Literatura Brasileira. Na França, também por duas vezes. A primeira, em 67, 68, como *lecteur*, que é um professor que não pertence ao quadro e é nomeado para coadjuvar uma função.

*P: Na França dos anos 20 e 30 moraram alguns dos maiores escritores deste século. E no século passado havia aquelas reuniões em tavernas, das quais inclusive o Rimbaud participava. Havia uma curiosidade intelectual de frequentar esses lugares, reviver aquele clima romântico de literatura?*

O clima já não existe. Acabou há muito tempo. Mas muitos lugares foram conservados, preservados vários referenciais históricos.

*P: O senhor viveu em Paris os momentos de tensão e da própria eclosão da Revolução de Maio. Conheceu o Fernando Henrique Cardoso, que também estava em Paris nesta época?*

Não. Mas ouvia-se falar muito dele entre os exilados. Era uma espécie de trunfo: “Fernando Henrique vai estar em tal lugar”, “Fernando Henrique falou isso e aquilo”, dizia-se dele na época.

*P: E as lembranças marcantes da Revolução?*

Era a época dos estados gerais dos Estudantes. Havia muitas assembleias estudantis, com representação paritária entre estudantes, professores...

*P: O senhor se envolveu de alguma forma? Participou de reuniões, passeatas...*

Não. Eu preparava uma tese para a Sorbonne e não tinha tempo. Uma vez fomos a um subúrbio de Paris, assistir à montagem de “O rei da Vela”, de Oswald de Andrade, dirigida por Zé Celso Martinez Correa. Na volta - retornamos pelas vias normais, de metrô - percebemos um movimento inusitado na cidade. No dia seguinte já começavam as passeatas. Seguiram-se as greves. Houve momentos de tensão, mas, de certa forma, foi bom porque conheci Paris sob um aspecto inédito. As pessoas nas ruas com os braços cruzados. A cidade inteira de braços cruzados. Bancos, Correios, tudo fechado. Na ocasião, todos estavam à esquerda. Faziam-se passeatas enormes, que geralmente acabavam em confronto com a polícia. Uma vez, na volta de um restaurante em que encontramos um amigo professor italiano, presenciamos um confronto: de um lado, os policiais: com viseiras, cacetetes e um tipo especial de fuzil, com cano largo onde punham as bombas de gás lacrimogêneo. De outro, estudantes, professores... Não se mexiam. Um defronte do outro. O confronto acabou em violência generalizada.

Os manifestantes também quiseram recompor as barricadas, uma tradição em Paris. Eles serravam as árvores, que bloqueavam os bulevares... Também usavam coquetéis Molotov. Foi nesta época que de Paris mudei-me para Rennes, onde permaneci um ano lecionando - como *lecteur* - literatura brasileira e estética.

Na volta ao Brasil, já anos depois, lecionei filosofia da linguagem e estética no Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, em São Paulo. Hoje dou muitas conferências: no Rio de Janeiro, São Paulo, São Luís, Porto Alegre, Belo Horizonte e também no exterior.

*P: O senhor ainda dá aula?*

Aposentei-me da UFPA em 1992. O motivo principal foi a ameaça do Fernando Collor de acabar com a aposentaria por tempo de serviço. Além das conferências, oriento teses de mestrado em Letras, na UFPA, e, de vez em quando, leciono a disciplina teoria da crítica.

## **A AMAZÔNIA, SEUS ESCRITORES**

*P: Como o senhor avaliaria o imaginário, o homem amazônico?*

O imaginário amazônico é muito difundido e difuso. Está no “Macunaíma”, de Mário de Andrade. Está também em outro grande escritor paraense, José Veríssimo, do princípio do século. Ele é mais conhecido como crítico - é autor de uma das melhores histórias da literatura brasileira - mas também escreveu contos, foi etnólogo, publicou lendas amazônicas, escreveu sobre pesca, fundou um colégio em Belém e contribuiu para a fundação do museu Goeldi. O problema é que a literatura dessa época era laudatória, com grandes discursos, aquele sonetos...

Sabes quantos discursos se fizeram na morte do Carlos Gomes? (Houve um grande féretro em Belém, mas afinal ele foi enterrado em São Paulo. Em Belém,

foi um acontecimento. Uma verdadeira procissão saiu da casa onde ele morreu, na Quintino com Tiradentes. Participavam autoridades, representantes de colégios, religiosos, bispos, associações, entidades. A primeira parada foi no Cemitério da Soledade. Depois o corpo seguiu até onde hoje fica a Feira do Açaí.) Pois bem: foram feitos nada menos que 40 discursos, fora os sonetos. É demais, não é?

*P: O que ter nascido entre tantos rios e florestas moldou em nossa personalidade?*

Quando os portugueses aqui chegaram, a população era indígena. Teve um camarada que participava daquela famosa expedição do Pedro Teixeira que disse que havia tanto índio que não podia cair uma agulha no chão. De forma que muito do que os portugueses aprenderam e adotaram por aqui tem raiz indígena: as técnicas de conseguir alimentação, caça, pesca, culinária, construção de casa. Esta característica acabou preponderante em nosso imaginário. Depois ela foi abafada, e hoje retorna apenas nas danças dramáticas, pássaros e rituais dos encantados.

*P: O amazônida seria mais lento, mais agitado, mais hospitaleiro - como situá-lo em relação ao resto do Brasil?*

É meio perigoso abordar isso superficialmente, porque vamos acabar chegando à tese da preguiça. Por ter uma relação maior com a natureza e ter um ritmo normal ao respeitar a sua natureza interior, os índios não tinham a mesma noção de trabalho, as mesmas tensões. Hoje isso está tudo muito misturado.

*P: Com poucas palavras: o que é o homem amazônico?*

Ele existe? Tudo é muito diversificado: o ribeirinho, o citadino. Lamento muito é a perda da linguagem. Talvez isso fosse um pouco do amazônida: um certo modo de falar.

*P: Que escritores se destacam na apreensão e expressão desse homem amazônida?*

No passado, José Veríssimo e Inglês de Souza - o dos contos e romances, ali pela década de 40 do século passado. No presente, Dalcídio Jurandir (prefiro falar só dos que já morreram. Os outros são muito próximos, muitos são meus amigos). Dalcídio fez o romance de Belém, e também o urbano, o rural. Seu romance "Belém do Grão Pará" é muito belo. É o grande retrato de Belém da época: tudo que perdemos está ali: todo, completo.

*P: E Haroldo Maranhão?*

Não quero falar dos vivos, mas o Haroldo é um grande amigo e também um escritor de grande envergadura. É um grande escritor - domina o conto, a crônica e a grande narrativa romanesca, de que "Cabelos no Coração" é um exemplo.

*P: Ele seria o maior prosador, hoje, do Pará?*

Eu acho que sim.

*P: E outros, como Benedicto Monteiro?*

Não quero falar dos que estão vivos.

*P: E Ruy Barata?*

É um poeta que tem muitas dimensões. Ele consegue transcender a simples realidade de escritor amazônico. E é um cruzamento de vários poetas, mas sempre firme em sua individualidade (isso é muito importante: que o poeta não se isole dos outros). Inclusive quando ele publicou “A linha imaginária” fez uma brincadeira: colocou como endereço da editora o da minha casa.

*P: Quem mais transcendeu o que se pode chamar de um “regionalismo” entre aspas?*

José Veríssimo, Inglês de Souza, Dalcídio Jurandir, Bruno de Menezes, Ruy Barata, Haroldo Maranhão, Max Martins, Paulo Plínio Abreu, Age de Carvalho, Mário Faustino...

*P: Mário seria o maior entre os poetas?*

Todos são diferentes, únicos. O traço que distingue Mário dos outros é que ele teve uma preocupação muito grande com a natureza da poesia. Uma preocupação crítica. Uniu as duas coisas: poesia e crítica. Foi um esplêndido poeta-crítico, que morreu muito novo.

Talvez por isso sempre há a expectativa pelo lançamento das obras completas dele. Eu e a professora Maria Eugênia Boaventura, da Unicamp, estamos organizando essa obra - que incluirá suas mais de cem crônicas, toda a poesia, os artigos, contos, poesia traduzida, cartas, iconografia. A idéia é lançar o primeiro volume ainda este ano. Depois se decidirá a que intervalos serão lançados os outros. Devem ser cinco ou seis volumes.

*P: Mário foi o autor mais importante que o Brasil perdeu precocemente?*

Não se pode esquecer de Castro Alves, Álvares de Azevedo e outros românticos. Eles todos morreram tão cedo. Mas eu incluiria os “Sete sonetos de Amor e Morte”, de Mário, entre os poemas essenciais da literatura brasileira.

*P: O senhor conhece a nova poesia paraense? Antônio Moura, Reivaldo Vinas...*

Comecei a ler o Antônio Moura. Ele é muito bom, me surpreendeu. O Reivaldo também tem coisas boas. Há também o Benilton Cruz, poeta de grande valor em quem votei para o Prêmio Nestlé.

*P: E o Age de Carvalho?*

Este é um poeta de alta qualidade, e que se renova sempre. Os últimos poemas que ele está escrevendo são completamente diferentes do que já fez.

*P: Drummond é o grande poeta brasileiro?*

É um dos grandes. Poesia é uma linguagem múltipla, muito diversificada.

*P: Esse século - Fernando Pessoa, Lorca, Eliot, Yeats, Maiakovski - foi bom para a poesia?*

Até há bem pouco tempo foi. Hoje as condições não são muito propícias. Mas o século passado também foi excelente. Basta lembrar de Rimbaud e Baudelaire.

*P: Quem influenciou mais a literatura deste século, Freud ou Marx?*

A influência foi sempre indireta. Eu diria que influenciou mais a crítica. A criação foi influenciada, mas num plano interpretativo. Os autores assimilaram a psicanálise e a adequaram à própria sensibilidade. Não houve um processo doutrinário. Aí podem-se citar Fernando Pessoa e Clarice Lispector.

*P: Fernando Pessoa é o grande poeta deste século que menos deve a Mallarmé?*

Ele estava mais ligado a Baudelaire, Rimbaud, ao surreal. Nunca houve poeta mais cético...

*P: Machado de Assis ou Guimarães Rosa? Drummond ou João Cabral?*

Todos.

*P: Cinema é arte - no sentido de ter produzido grandes obras numa comparação com o que se produziu na poesia, por exemplo?*

É arte, mas que desloca o sentido da grande contemplação estética. Eu diria que é arte no sentido de que pode atingir grandes níveis de pensamento. Fellini pensa. Bergman pensa (especialmente de “O sétimo selo”). Kurosawa, que fundiu Shakespeare à tradição japonesa, uma maravilha. Orson Welles eu aprecio, mas não tenho com ele, digamos, muita afinidade.

## **DESAFIOS DO TERCEIRO MILÊNIO**

*P: O mundo está caminhando para uma virtualização? As pessoas vão pensar diferente, ter ritmos diferentes?*

A cultura eletrônica, se você me permite essa expressão, é penosa porque de certa forma passa ao largo de uma multidão de analfabetos: por mais que eles se iniciem nela, continuarão analfabetos. Então há duas mentalidades: a dos que vivem essa transformação e a dos que são alheios a ela. O ideal seria unir os dois tipos.

Virtualização? Acho que há transformações, mas não sei se vão determinar mudanças tão profundas de comportamento. Mas há outras relações, outras linguagens. O e-mail, por exemplo: não se escrevem mais cartas. E há as conversas por computador: conversa na ausência de pessoas.

Mas a mais triste é a “virtualização” paradoxal do conhecimento. O homem nunca teve tanto conhecimento de seus direitos - e nós vemos essa penúria do estado de direito em toda parte. Nunca teve tanto senso de igualdade - e vemos tanta forma brutal de opressão. O caso do Brasil é bem significativo...

Quanto ao livro e o computador, sou um homem livresco. Não vejo o fim do livro. Acho que ele vai ser complementado, até colocado em outros planos. O que é para um cego, por exemplo, apenas ouvir “Os irmãos Karamazov”? É outra forma de vivenciar a literatura...

Também disseram que o vídeo ia acabar com o cinema - e, só num bairro em Paris, há 40 salas de projeção. O CD nos permite ter uma orquestra dentro de casa...

Quanto a mim, o computador é uma máquina de escrever mais potente. Ele me permite, com recursos práticos, escrever mais rápido. Hoje escrevo muito mais. Quanto à Internet, só mexi quando o técnico veio ensinar. Nunca voltei a ela...

*P: Como o senhor vê a globalização?*

Até agora ela tem sido inevitável. Mas há muito palavrório quando se diz que ela é o futuro da humanidade. Ela é um incidente grave, certamente, da atual fase da economia mundial, envolvendo produção e consumo. É, de certa forma, igual a mercado, domínio planetário da técnica. Mas não é o futuro. Isso seria pôr em xeque as ideias de cidadania universal. Acho que a globalização pode ser positiva se afastarmos a dominação do mercado. Quando se fala em globalização, fala-se em dominação, não necessariamente de países, mas de companhias sobre países. Esqueceram que nosso passado intelectual e histórico não é só liberalismo. Ele inclui, por exemplo, o Socialismo Utópico, que Marx quis ridicularizar.

*P: O socialismo está sepultado?*

O comunismo sim. Mas o socialismo pode renascer. Admito a ideia de uma sociedade igualitária, conservando as diferenças de cor, religião e raça, mas resguardando a igualdade de direito e sem miséria. Não acredito noutro tipo de globalização, que é a comunista - um estado providencial, orientando, normatizando politicamente. No fundo ainda é o problema do Kant, quando falava da maioria intelectual do homem.

Acredito que se possa fazer a junção de socialismo com democracia.

*P: Que grandes desafios o terceiro milênio reserva para o homem?*

O desafio do pensamento, principalmente. Como sintetizar o que já se conhece, o que já se sabe? Como restabelecer um pensamento reflexivo diante da automação e da automatização dos meios? Enfim, permanece a velha questão dos iluministas: como melhorar o homem?

Eu diria que as grandes conquistas de nossa cultura - letrada e científica - seriam a copernicana (o homem sabe que não é mais o centro do universo) a freudiana (a consciência não é tudo) a darwiniana (que reforça isso) e a filosófica heideggeriana (você não tem a verdade). O grande trauma do homem é ter perdido a relação que tinha com o Absoluto e não poder preencher isso.

Como dar satisfação a esse sentido de sagrado? (Certamente não será por meio dessas pequenas religiões que proliferam e que têm um vínculo direto com o problema social...)

*P: O senhor acredita em Deus?*

No Deus cristão, você quer dizer. Acho que existem outras possibilidades de conceituar Deus, fora do cristianismo. Em relação ao Deus judaico-cristão, sou agnóstico: o que acha que não tem razões nem para acreditar nem para desacreditar...

Heidegger defendeu que, se houver uma nova atitude perante o ser, diante do que existe, haverá também uma nova ideia de Deus: seria "o último deus".

*P: E os principais desafios do Brasil?*

Tudo que a revolução de 30 não conseguiu resolver. Tivemos um momento bom, de relaxamento (alívio) mental no período do Juscelino. O ano que não deveria acabar... Quando parecia que ia recomeçar, veio o golpe (essa experiência foi muito traumatizante). Agora, na fase do neoliberalismo, ou seja lá o que se chame, continuam os mesmos problemas fundamentais: de carência, de analfabetismo, de miséria, de população desvalida, de criança desamparada. Enfim, coisas que se um brasileiro for pensar duas vezes, e tiver dinheiro, se manda do país.

## **BICHOS, ET'S E FUTEBOL**

*P: O que faz para se divertir?*

Cinema, música clássica e leitura.

*P: Relê muito?*

Sim, e os livros mais variados possíveis.

*P: O que lê por puro prazer?*

Poesia.

*P: Quais os poetas mais visitados atualmente?*

Rimbaud, Antonio Machado...

*P: O senhor gosta de futebol?*

Não. Realmente nisso não me identifico com os demais brasileiros: não tenho o menor interesse por futebol.

*P: Nem na Copa do Mundo?*

O último interesse que tive foi na Copa de 70, aquela seleção com Pelé. Depois a coisa se mercantilizou muito. Esses times de hoje - como se dizia antigamente - são muito frouxos.

*P: Acredita em extraterrestres?*

Não acredito.

*P: Crê que o universo inteiro só é habitado pelo homem?*

Não é matéria de crença - que pode haver, muito bem. Mas crer que haja, não. É uma questão de possibilidade, e não de crença.

*P: Quantos livros o senhor publicou?*

Doze ou treze. “O Mundo de Clarice Lispector”, “Introdução à Filosofia da Arte”, “Filosofia Contemporânea”, “Farias Brito”, “O dorso do tigre”, “João Cabral de Melo Neto”, “Oswald Canibal”, “Leitura de Clarice Lispector”, “Passagem para o poético”, “Tempo na Narrativa”, uma nova versão de “Filosofia contemporânea”, uma reedição da “Filosofia da arte”, “No tempo do

niilismo e outros ensaios”, “O drama da linguagem”, mais os que fiz com outros autores ou organizei.

*P: Qual vai ser o próximo?*

Será uma coletânea de ensaios sobre filosofia e literatura. Sai nos primeiros dias de maio e será lançado na Bienal do Livro de São Paulo.

*P: Que conselho daria aos novos escritores?*

Se já são escritores não precisam de conselhos. Se ainda não são, leiam, leiam, leiam, escrevam, escrevam, escrevam.

*P: Quantas línguas o senhor fala?*

Bem o francês, menos bem o inglês, entendo e leio bem o alemão e o espanhol dá pro gasto.

*P: O senhor gosta de bichos...*

Sim, muito.

*P: É verdade que internou numa clínica uma cadela que encontrou atropelada?*

Sim, a Amaralina. Estava jogada contra o muro do Bosque Rodrigues Alves. Passou uma semana na clínica. Estava grávida, teve seis filhotes e hoje é fazendeira perto de Santo Antônio do Tauá. Aqui em casa temos uma gata, a Gigi, e uma cachorra, a Martinha.

– A Martinha ficou convencida desde que apareceu no Jornal do Brasil e cobra cachê para dar entrevista - diz Maria Sylvia, mulher do professor Benedito.

– É isso aí - concorda Bené.